

Tolkien e os críticos: recepção e legitimação no campo literário

Gustavo Racy*

Resumo

Este artigo tem como objetivo explorar a dinâmica do campo literário. Elegendo o escritor inglês J.R.R. Tolkien como seu objeto e baseando-se no pensamento de Pierre Bourdieu, o texto procura debater a recepção da obra do escritor e a constituição de sua posição no campo literário a partir das relações entre autor, editor e público, mediados pelo mercado e pela crítica intelectual. Para isso, o artigo discute a recepção daquela que é considerada a obra-prima do autor, *O Senhor dos Anéis*, destacando a repercussão da publicação da obra, que atingiu a marca de um dos livros mais vendidos do mundo em pouco tempo, bem como o percurso da crítica que à publicação se seguiu.

Palavras-chave: J.R.R. Tolkien; Campo Literário; Crítica; Pierre Bourdieu

Abstract

This article aims to explore the dynamics of the literary field. By electing English writer J.R.R. Tolkien as its object and based on Pierre Bourdieu's thinking, the text debates the reception of the author's work and the constitution of its position in the literary field through the relations between writer, editor and public, mediated by market and intellectual criticism. In order to achieve that debate, the article departs from the reception of that which is considered Tolkien's masterpiece, *The Lord of the Rings*, highlighting the work's repercussion – that reached a best seller mark shortly after its publication, and the trajectory of the criticism which followed.

Keywords: J.R.R. Tolkien; Literary Field; Criticism; Pierre Bourdieu.

* Mestre em Ciências Sociais pela PUC-SP (2012). Editor gerente da Parallaxe. Revista de Estética e Filosofia da Arte (PUC-SP). Publicou, entre outros, *Por uma Sociologia das Mutações Religiosas. Relação entre Capitalismo e Religião a partir de Roger Bastide e Walter Benjamin*. Revista Campos (UFPR), v.13, 2014. gustavo.racy@gmail.com

Esse artigo debate o problema da legitimação no âmbito da literatura tendo como foco a análise da posição de J. R. R. Tolkien no campo literário inglês¹. O ponto de partida é a repercussão mercadológica e crítica de *O Senhor dos Anéis*. Para desenhar o caminho por meio do qual a literatura se efetiva como bem simbólico, o artigo trata dos universos literário, editorial e intelectual em cujas inter-relações o problema da legitimação se coloca. O autor escolhido para tal objetivo é o inglês Tolkien, pelo fato de que foi motivo de muita controvérsia; de um lado, por não pertencer a uma tradição literária autônoma e previamente reconhecida; de outro, por praticar um gênero cujos contornos estavam em redefinição.

O primeiro volume de *O Senhor dos Anéis* foi publicado na Inglaterra no verão de 1954, quase 16 anos depois de Tolkien ter iniciado o trabalho. Alguns dias depois, ler-se-ia na crítica da revista *Time & Tide*² o seguinte texto: “*This book is like lightning from a clear Sky [...] in the history of Romance itself – a history which stretches back to the Odyssey and beyond – it makes no return but an advance or revolution: the conquest of a new territory*” (Carpenter, 2002: 292). O crítico em questão era também o maior entusiasta da obra e melhor amigo do autor, C. S. Lewis. Talvez o escritor tenha se animado demais em seu parecer, mas não é de se espantar, dado o sucesso que o livro teria logo na estreia. No suplemento literário da *Oxford Times*, a crítica também é positiva: “*The severely practical will have no time for it. Those who have imagination to kindle will find themselves completely carried along, becoming part of the eventful quest and regretting that there are only two more books to come out*” (Carpenter, 2002: 293). W.H. Auden, no suplemento literário do *New York Times*, elogiaria não somente o primeiro volume da trilogia, como também deixaria claro que *O Hobbit* era, para ele, “uma das melhores histórias infantis deste século” (http://tolkiengateway.net/wiki/The_Hero_Is_a_Hobbit – acessado em 24/10/2014). Ao *Truth*, A. E. Cherryman escreveu, em 6 de agosto de 1954: “*It is an amazing piece of work... He has added something, not only to the world’s literature, but to its history*”

¹ Constituído pela primeira parte do segundo capítulo da dissertação de mestrado do autor: *Lá e de Volta Outra Vez: J.R.R. Tolkien. Campo Literário e Editorial*, defendida publicamente na PUC-SP em novembro de 2012.

² A *Time & Tide* foi uma revista fundada em 1920 por Lady Rhondda que, em seu início, apoiava causas feministas e de esquerda, contando com publicações de Emma Goldman, George Bernard Shaw, George Orwell, Erns Toller, Charles Williams e C.S. Lewis. Eventualmente, com a morte de Lady Rhondda e eventual controle da revista pelo Reverendo Timothy Beaumont (Barão Beaumont of Witney e MP Conservador), na década de 1960, tornou-se uma revista de direita, encerrando atividades em 1979.

(apud Carpenter, s/d: 487). O livro, que havia sido lançado numa tiragem de 3.500 cópias precisou ser reeditado, mesmo recebendo críticas severas, como a de Peter Green no *Sunday Times*, que acusava o texto de Tolkien de oscilar entre o Pré-Rafaelismo e uma história para meninos; a de J. W. Lambert no *Daily Telegraph*, que condenava a ausência de um espírito religioso e de mulheres na história; ou a crítica de Edwin Muir na *Observer*. Em novembro do mesmo ano, o segundo volume da saga foi lançado, sob o título de *The Two Towers*, livro que obteve também um grande sucesso. Em 30 de junho de 1955, Tolkien escreveria no *Post Scriptum* da carta à sua editora americana, Houghton & Mifflin: “*Nothing has astonished me more (and I think my publishers) than the welcome given to The Lord of the Rings. But it is, of course, a constant source of consolation and pleasure to me*”. (Carpenter, s/d: 234). Em 1 de outubro de 1955, enfim, foi publicado o último volume de *O Senhor dos Anéis* e o sucesso foi, uma vez mais, imediato³.

Para Auden, Tolkien teria sido capaz, de se utilizar melhor do que qualquer outro autor de seu gênero, das propriedades da aventura, da jornada heroica, do conflito entre bem e mal, ao mesmo tempo em que satisfaria nosso senso de realidade histórica e social, porque se remete a um mundo criado por uma lei inteligível, e não pelo mero desejo, motivo pelo qual nossa sensação de credulidade nele nunca é violada. Não só, Auden chega a comparar a história de Tolkien, na questão da luta entre bem e mal, com o conteúdo de *Paradise Lost*, de Milton, que, segundo ele, não é capaz de trabalhar com o problema do mal tão bem quanto Tolkien, ainda que tenha sido melhor escritor.

W. H. Auden foi um dos poetas mais importantes da literatura inglesa do Século XX, representante de uma parcela de escritores ingleses de esquerda que floresceram na década de 30. Contava o próprio Auden que, ao dar uma palestra sobre Tolkien numa universidade americana – Auden mudou-se para os EUA e tornou-se cidadão americano – na década de 50, grande parte dos estudantes e acadêmicos tinham tamanho desconhecimento da obra de Tolkien que acharam que ele fosse uma invenção do poeta, que havia sido, inclusive, aluno de Tolkien na década de 20 na Universidade de Oxford, onde lecionou poesia inglesa. Já em 1955, dado o sucesso estável da obra na Inglaterra e nos EUA – em parte graças às afirmações de Auden, que declarara ao *New York Times* ser a trilogia a melhor obra que havia lido nos últimos 5 anos - a editora inglesa

³ Cf. AUDEN, W.H. “At the End of the Quest, Victory”.
http://www.nytimes.com/1956/01/22/books/tolkien-king.html?_r=0

começava a planejar traduções para outras línguas europeias, cujo primeiro resultado foi a edição holandesa e em 1957, quando a obra já parecia ser uma “*international ‘hot property’*” (Carpenter, 2002: 301), Tolkien recebeu uma proposta de três empresários americanos (Forrest J. Ackerman, um dos maiores colecionadores de ficção científica e inspirador de algumas personalidades da indústria cultural como Tim Burton e a banda Kiss, Morton Grady Zimmerman e Al Brodax, envolvido na produção do *Yellow Submarine* dos Beatles), para transformar *O Senhor dos Anéis* num longa-metragem de animação. O projeto não foi adiante e, nos próximos 9 anos, as vendas da obra se mantiveram estáveis e sem modificações.

É na década de 60 que a figura de Tolkien volta a aparecer de forma notável. Se num primeiro momento sua obra permanecera como sucesso de vendas cuja recepção intelectual se restringia a críticos de periódicos - à exceção de Auden, um escritor reconhecido acadêmica e intelectualmente - na década seguinte ao surgimento da trilogia Tolkien será consagrado como um fenômeno político na contracultura anglo-americana. No começo de 1965, surge nos EUA uma versão de *O Senhor dos Anéis* em brochura não autorizada, pela Ace Books, uma editora já conhecida por publicações de ficção científica de padrões populares que havia publicado o livro a 75 centavos a unidade. Dadas as confusões das políticas de *copyright* nos EUA da época, Tolkien foi então obrigado a completar uma série de revisões na qual já vinha trabalhando, para que sua editora americana, a Houghton & Mifflin, pudesse lançar novas edições tanto de *O Senhor dos Anéis* quanto de *O Hobbit*. Não podendo mais esperar, a Houghton & Mifflin, que lançaria as obras em brochura junto à Ballantine Books, decidiu lançar a versão original, sem revisões - que seriam inseridas nas reedições - numa versão mal feita e pouco atraente. Ainda que as edições da Houghton/Ballantine viessem com a declaração de autorização de publicação de Tolkien, a Ace Books oferecia os livros 20 centavos mais baratos e em versões atraentes, com ilustrações condizentes ao texto, vendendo mais do que a edição oficial.

A solução veio quando o próprio Tolkien decidiu informar a seus correspondentes americanos que a edição da Ace Books não era autorizada e pedindo que isso fosse espalhado entre os amigos leitores. Graças à *American Tolkien Society*, um grupo de fãs que existe até hoje em diversos países, e à *Science Fiction Writers of America*, logo os números de venda da Ace Books começaram a diminuir e, ainda, os leitores americanos começaram a demandar que a editora retirasse a versão não

autorizada das prateleiras. A Ace Books escreveu então a Tolkien oferecendo um pagamento de *royalties* para cada cópia vendida. A briga gerou uma publicidade muito grande que deu novo destaque ao nome de Tolkien e suas obras que já haviam atingido o número de alguns milhares de vendas rapidamente atingiram a marca de um milhão.

A pressão feita por grupos como a Tolkien Society e os leitores americanos em geral era indício das proporções que a obra de Tolkien começava a adquirir na cultura popular da época. Com a publicidade e o envolvimento dos leitores na briga editorial entre a Ace Books e a Houghton/Ballantine, aliados à marca de um milhão de exemplares vendidos, certo culto começou a se criar sobre o autor, “*At the end of 1966 a newspaper reported: ‘At Yale the trilogy is selling faster than William Golding’s ‘Lord of the Flies’ at its crest. At Harvard it is outpacing J. D. Salinger’s ‘The Catcher in the Rye’*” (Carpenter, 2002: 306). Reparemos que o repórter – ainda que Carpenter não diga qual repórter nem qual jornal – usa como ilustração duas das mais importantes universidades estadunidenses, o que não deve ser relevado, uma vez que eram universidades como essas, assim como Berkeley, os sítios de onde saíram grande parte das manifestações contraculturais da década de 60.

Além do crescente interesse em Tolkien por parte das classes médias universitárias, que começavam a usar *pins* nas lapelas com frases como “Frodo Vive”, “Gandalf para Presidente” ou “Venha para a Terra-Média”, ramificações da *Tolkien Society* começaram a se espalhar pela Costa Oeste e pelo estado de Nova York, tornando-se a *Mytho-poeic Society* e dedicando-se agora ao estudo dos trabalhos dos companheiros de Tolkien no grupo dos *Inklings*⁴, C.S. Lewis e Charles Williams. Membros de fã-clubes começavam a se reunir em piqueniques hobbits, nos quais comiam cogumelos e bebiam cidra, vestidos como os personagens das histórias. Por fim, segundo Carpenter (2002), Tolkien começou a adquirir um reconhecimento acadêmico nos círculos norte-americanos, tornando-se tema de teses com títulos como “Uma Análise Paramétrica do Conflito e Ironia Antitéticos em O Senhor dos Anéis de J.R.R. Tolkien”, e volumes de criticismo sobre o autor começaram a aparecer em livrarias de diversos *campi* universitários. Ironicamente, a tese de Carpenter de que Tolkien se tornou reconhecido no meio acadêmico é comprovada pela mera constatação

⁴ O *Inklings* era um grupo informal de professores-escritores de Oxford que se reunia para discutir temas como religião, mitologia, filologia e filosofia, bem como para apresentar seus trabalhos uns aos outros. Dentre outros, eram parte do grupo o próprio Tolkien, C.S. Lewis e seu irmão, Warren.

de existência desta tese numa universidade americana cujo nome não é dado, bem como os volumes de críticas em revistas dos *campi* universitários. Seja como for, o entusiasmo americano se espalhou e o sucesso de Tolkien passou a ser observado também em festividades em Saigon, onde dançarinos eram vistos usando um dos símbolos de *O Senhor dos Anéis*, e em Bornéu Norte, uma *Frodo Society* era formada. As vendas na Grã-Bretanha continuavam aumentando e não demorou até que a *Tolkien Society* chegasse a Londres e outros lugares, como em Warwick, onde os estudantes renomeavam a *Ring Road* que contornava o campus da Universidade de Warwick como *Tolkien Road* e lançavam uma revista intitulada *Gandalf's Garden*, na qual o personagem era eleito, no primeiro número, como “o herói mitológico da época” (Carpenter, 200: 307). No final de 1968 aproximadamente 3 milhões de cópias de *O Senhor dos Anéis* haviam sido vendidas pelo mundo. Neste mesmo ano, a BBC realizou um documentário sobre Tolkien chamado *Tolkien in Oxford*, que pode ser encontrado na internet em quatro partes⁵.

Michael Hall (2005), afirma ser possível creditar parte do sucesso de Tolkien e de sua presença na cultura popular dos anos 60 ao estado do campo editorial americano da época e ao problema causado pela edição não oficial da Ace Books nos EUA, que, segundo Hall, teria ajudado a popularizar o livro, ainda que ele não nos ofereça números relativos a essa informação. Mas Hall também credita a popularidade de Tolkien à contracultura nascente na década de 60, diferentemente de outros autores, que creditam a contracultura da década de 60 à popularidade de Tolkien. Citando uma entrevista sua de 23 de fevereiro de 2005 com William Griffiths, um entusiasta de Tolkien da década de 60, Hall diz que Tolkien parecia prover aos jovens da década de 60 algo de novo que eles esperavam para sair da “[...] *utter boredom and gray*” (11) da década de 50, algo que vinha na esteira do que *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band* fazia na música em 1967. Não só, o entrevistado diz, conforme cita Hall (*idem*), que Tolkien parecia atraente por ser qualificado por muitos adultos como “porcaria” (*rubbish*), oferecendo a partícula de rebeldia contra os pais que os jovens esperavam.

Tolkien was new in that it was true escapism that didn't have to have a particular meaning. In what was a repressive society that wanted

⁵ Na realidade, na internet o documentário se encontra sob o título de *In Their Own Words. British Authors*, provavelmente uma série da BBC com um episódio dedicado a Tolkien. Sendo a data também de 1968, somos levados a pensar que a esse documentário que Carpenter se refere na biografia do autor sob o título de *Tolkien in Oxford*.

you to do what you were told, Tolkien probably seemed as a proverbial breath of fresh air (Hall, 2005: 11)

Segundo Kim Selling (2008), a influência popular da obra de Tolkien, principalmente nos anos 60, fez com que o autor se tornasse um símbolo daquilo que viria a ser chamado de *new age*, com os movimentos culturais da década de 70, inicialmente de caráter religioso e posteriormente, nas décadas de 80 e 90, um termo consolidado como expressão de tendências culturais e ideológicas alternativas relativas a uma forma de espiritualidade.

Mas um ponto fundamental parece ser para Hall, sem dúvida, a preocupação da cultura de massas sobre o que era ou não popular, algo observável, segundo Hall (2005), no interesse das pessoas em saber da vida e dos hábitos de estrelas do cinema, por exemplo. A criação de todas as *Tolkien Society* e revistas como a *Mythlore* seria paralela a essa obsessão surgida com a cultura de massas, conceito que talvez devesse ser substituído pelo de indústria cultural. A obsessão era tanto que Tolkien teve que retirar seu número de telefone da lista telefônica e chegava a se referir ao culto americano em torno de si como “*my deplorable cultus*” (Hall, 2005: 13).

Com o desenrolar dos anos, o número de trabalhos acadêmicos ou não sobre Tolkien só cresceu. A primeira bibliografia sobre Tolkien surgiu em 1986, *J.R.R. Tolkien: Six Decades of Criticism*, de Judith Johnson, que continha trabalhos escritos até 1984. Segundo Michael D.C. Drout e Hilary Wynne (2000), o grande problema dos estudos sobre Tolkien, entretanto, que permaneceu ao longo dos anos, pode ser exposto por duas questões: a primeira é a de que os críticos de Tolkien insistem em analisar as mesmas questões; a segunda é a de que os críticos parecem não ler uns aos outros.

O primeiro problema viria da ideia de parte dos críticos de que um texto é “esgotável”, ou seja, de que uma vez desvendada alguma figura no texto de Tolkien, seu sentido já está esgotado, como é o caso citado por Drout e Wynne (2000: 107) do trabalho de James Obertino, segundo quem *O Senhor dos Anéis* deve ser lido como uma alegoria cristã, uma vez que o cristianismo teria sido a principal fonte de Tolkien. Temas como o cristianismo e o problema do embate entre bem e mal marcam grande parte dos trabalhos críticos sobre Tolkien. Ainda que esse tema seja importante e presente na obra, a maior parte dos críticos teria se utilizado disso para, como dizem Drout e Wynne (2000: 218), se aventurar em “excursos filosóficos ou teológicos amadores”. E provavelmente, o segundo é o tema mais recorrente. Por isso, o marco diferencial no criticismo teria vindo com a publicação de *The Road to Middle-earth*, de Tom Shippey em 1982 e da expansão de sua

crítica em *J.R.R. Tolkien: Author of the Century*. Shippey - filólogo e medievalista como Tolkien - é reconhecido como um dos críticos mais importantes de Tolkien, juntamente com o biógrafo do autor, Humphrey Carpenter. Nestes livros, Shippey expande a análise sobre o trabalho de Tolkien, não tentando justificar sua importância a partir dos temas gerais da luta entre bem e mal, mas pelo conjunto de pequenos fatos filológicos numa combinação de proposições lógicas, o que seria, para ele, o responsável pelo prazer em se ler a obra de Tolkien. Além disso, Shippey cede com a mania crítica de se debruçar sobre questões do bem e do mal na obra de Tolkien, pois considera que este problema está presente não só na obra de Tolkien, mas na obra da maior parte dos autores do pós-guerra, citando C.S. Lewis, Orwell, T. H. White e William Golding. Entretanto, Shippey passa muito tempo - de acordo com Drout e Wynne (2000) -, tentando convencer os possíveis leitores de seu trabalho a levar Tolkien a sério, o que marcou grande parte do trabalho crítico sobre Tolkien ao longo dos 20 anos seguintes à publicação do livro de Shippey.

Drout e Wynne – também críticos importantes e fundamentais - discutem a relação de Tolkien com os círculos literários de sua época. O autor, assim como C.S. Lewis, não fazia parte dos círculos influentes da literatura inglesa do Século XX, que deram as normas para o *literary establishment* da época, como o círculo de Bloomsbury, por exemplo. E, segundo eles, a maior parte dos críticos de Tolkien “*were among the well-connected in that same literary establishment. Thus much of the critical disaffection with Tolkien may come from his works’ threatening the cultural hegemony of this establishment*” (2000: 113). Curiosa afirmação, se tomarmos como exemplo o fato de que Raymond Williams tem um texto dedicado ao grupo de Bloomsbury e algumas linhas dedicadas a Tolkien; linhas não muito simpáticas que reproduziremos mais adiante. E Drout e Wynne continuam, trazendo a hipótese de Shippey de que essa crítica negativa de Tolkien, por parte dos círculos relacionados ao establishment, deve ser pensada também como uma crítica política, relacionada à popularidade massiva do autor, alguém que literariamente era tão educado quanto Joyce ou Eliot.

Além de *Road to Middle-earth* e *Author of the Century*, outra crítica que marcou os estudos sobre Tolkien foi o livro de 1979 *Tolkien’s Art: A Mythology for England*, de Jane Chance, livro no qual a autora explora o que costumeiramente consideramos o plano literário de Tolkien, isto é, o de criar uma mitologia para a Inglaterra. O argumento básico de Chance é o de que Tolkien realmente queria criar um épico para a Inglaterra. Não porque a Grã-Bretanha – imperial, romana e normanda – não possuísse um, com raízes na Troia conjurada por Lazamão no *Brut* e expandida no *Troilus and Criseyde* de Chaucer, mas

porque o ambiente rural de Warwickshire não possuía um. Os ciclos arturianos eram, para Tolkien, o mito de formação britânica, mas não inglês, uma vez que suas transmissões começaram nos ciclos normandos. Essa questão presente no plano literário da mitologia de Tolkien parece ser importante para pensarmos aquela hipótese citada por Drout e Wynne no parágrafo acima, no sentido de que a crítica, envolvendo um caráter político, envolve um desdém de Tolkien pelas preocupações às quais ele se voltava como escritor. Sua crítica negativa envolve de fato uma questão ideológica. Os marxistas da década de 60 condenaram *O Senhor dos Anéis* por não retratar a luta de classe e *O Hobbit* por colocar no centro da atenção um herói que passa o dia inteiro comendo e fumando, atitude um tanto quanto burguesa. Poucas análises, de fato, se debruçaram sobre o estilo e a forma dos textos, à exceção de trabalhos como *Splintered Light: Logos and Language in Tolkien's World*, de Verlyn Flieger ou dos já citados *Tolkien's Art: a Mythology for England* de Jane Chance e os textos de Tom Shippey. Se este último explicou a forma que Tolkien trabalhou, Flieger explicou o objetivo que tinha em mente. Como explicam Drout e Wynne (2000), Flieger se debruçou sobre o plano literário de Tolkien a partir de suas concepções linguísticas advindas da filologia. Algumas dessas ideias teriam vindo da influência de um dos membros do *Inklings*, Owen Barfield, que transmitiu a Tolkien a ideia de que a linguagem estaria continuamente se fragmentando e que os significados das palavras estavam se tornando mais e mais especializados na medida em que os humanos continuavam a se desenvolver e entender sobre seu ambiente e si mesmos. Tolkien teria tomado essa cisão como semelhante àquela do logos original, do Deus como Verbo, descrito no evangelho de São João. Não só, Tolkien passou a ter em conta que palavras seriam agentes de percepção que nos permitem captar os fenômenos. Criar novas palavras seria então um trabalho de criação de significado profundo.

Drout e Wynne resumem sua revisão bibliográfica com a consideração de que o bom criticismo literário evitará o *argumentum ad populum* e colocará a menor ênfase possível nas vendas, pois se o trabalho de Tolkien é bom “(why read it or criticize it if it is not?)” (Drout; Wynne, 2000: 125). Em geral, isso seria, segundo eles, um academicismo sociológico que não explicaria muita coisa. O criticismo só se tornaria sério se os críticos passassem a ler uns aos outros, de que modo isso não implica um aporte sociológico, entretanto, os autores não deixam claro.

A verdade é que o material existente para um estudo da recepção crítica de Tolkien mostra exatamente que o que Drout e Wynne disseram ser dispensável é

necessário para que entendamos um autor como Tolkien. Pois a verdade é que, como se vê resgatando Pierre Bourdieu, o sucesso comercial e o aporte popular de uma obra, ainda que o sucesso não seja algo inicialmente programado, dizem muito a respeito da legitimidade de um autor dentro do campo literário, editorial ou acadêmico, pois esses três campos – principalmente o primeiro e o último – parecem fortemente ligados entre si. Lembremos que o que Pierre Bourdieu mostra não está relacionado à qualidade ou falta de qualidade de uma obra, mas sim de que modo uma obra ou outra, dados seu momento histórico, a condição de sua produção – tanto no sentido de possibilidade de sua existência como texto, por parte do autor, quanto no sentido de sua existência pública como livro, por parte do editor – e a trajetória relacionada a sua existência, tornam-se ou não obras reconhecidas como parte fundamental de um campo, entrando para o cânone da literatura como os livros indispensáveis, sem os quais não se conhece a história da literatura. Essa postura é repercutida e é repercussão de nossos *habitus* e estilos de vida, isto é, pelo que escolhemos ler, expomos nossa posição no mundo social. Assim, o popularesco ou o massivo em geral não são reconhecidos ou legitimados. Isto não significa necessariamente que o massivo e o popular não possuam qualidade. Significa somente que eles não possuem os recursos necessários para se tornarem dominantes.

Perguntemos de onde vêm os críticos de Tolkien, tanto citados aqui quanto citados pelos próprios críticos, e veremos que em termos de legitimidade e pertencimento à tradição literária inglesa contemporânea contaremos apenas com W.H. Auden e C. S. Lewis, escritores incentivadores de Tolkien, mas que se inseriram, eles mesmos, muito mais no *establishment*. É curioso notar que em 1961, Lewis indicou Tolkien ao Nobel de Literatura, conforme anunciou o *The Guardian* de 05 de janeiro de 2012. De acordo com o periódico, por meio de documentos ainda não classificados, em 1961, Tolkien teve sua candidatura recusada pela Academia Sueca por sua “prosa de segunda mão”. Os trabalhos de comitê permaneceram um mistério durante 50 anos e um repórter sueco, Andreas Ekström, investigou o conteúdo dos documentos quando de sua divulgação pública, logo no mês de janeiro. Tolkien foi indicado por Lewis e o juiz da

candidatura, Anders Österling, julgou que sua prosa não chegava a ser uma narrativa de qualidade⁶.

A posição de Tolkien no campo literário na década de 1960 pode ser mais bem compreendida a partir da compilação de ensaios críticos realizada em 1968 por Neil D. Isaacs e Rose A. Zimbardo, professores da Universidade Notre Dame. O volume reúne ensaios de C.S. Lewis, W.H. Auden, Marion Zimmer Bradley entre outros intelectuais e já se vê na introdução ao livro o debate da questão sobre a possibilidade de se escrever crítica literária sobre Tolkien. Em *On the Possibilities of Writing Tolkien Criticism*, Isaacs (1976) põe em questão o fato de que – diferentemente do que vimos acontecer com o autor após a adaptação cinematográfica da obra – o sucesso de Tolkien não se deu por meio de jogadas publicitárias ou investimento de marketing por parte das editoras. Misturando uma acolhida calorosa por parte do gosto popular a uma crítica ambígua, dividida entre o acolhimento e a repulsa, a defesa sentimental e o ataque racional, a obra de Tolkien adquiriu um valor único, cortado pela tentativa de outorgar ao autor valor canônico ou de mantê-lo como fenômeno massivo, algo que se fortaleceu ao longo dos anos, com a criação dos clubes de fãs. Sempre faltou na crítica ao trabalho de Tolkien algo que viesse do próprio campo literário.

Parece que a posição de Tolkien acabou relegada a um segundo plano dada a sua recepção primeira. Dividido entre o sucesso massivo e um plano de literatura restrito aos membros de seu grupo, as atenções a Tolkien parecem ter sido desde o primeiro momento, parciais. Seja para atacá-lo, como quando foi acusado de escrever “lixo juvenil”, ou para defendê-lo, como quando Auden chegou a declarar que julgaria o gosto literário das pessoas de acordo com o que pensassem de Tolkien, as críticas sempre tiveram um aporte muito passional. Em geral, os que o atacam querem reforçar seu caráter massivo e os que o defendem querem mostrar que, apesar de seu sucesso massivo, sua obra tem valor.

Um argumento não exclui o outro. Se tomarmos o ponto de vista de Pierre Bourdieu, o caráter mercadológico que as obras de Tolkien adquiriram de fato não o garante capital necessário à sua legitimação dentro do campo literário, uma vez que ele faria parte de um gosto reproduzido pela maior parte das esferas sociais, demonstrando,

⁶ Cf. FLOOD, Alison. *J.R.R Tolkien's Nobel prize chances dashed by 'Poor Prose'*. In. <http://www.guardian.co.uk/books/2012/jan/05/jrr-tolkien-nobel-prize?INTCMP=SRCH> (último acesso em 10/2014)

dessa forma, um capital pouco específico e, logo, pouco distintivo. Mas é preciso lembrar que o campo literário, como campo à parte, possui o diferencial de pertencer a uma conjunção de campos que não garantem totalmente a forma de legitimação daquilo que a ele pertence. Pierre Bourdieu não está depositando sua atenção no valor “interno” de uma obra, isto é, não faz uma análise dos textos literários, mas simplesmente do lugar que esses textos passam a ocupar no mundo a partir do momento em que se tornam um produto de consumo trazido à tona por uma lógica econômica que tem em vista o lucro tanto financeiro quanto simbólico para atingir a distinção e a legitimação. Talvez seja exatamente isso o que torna difícil levar adiante a interpretação de um autor a partir do método de Pierre Bourdieu. O sociólogo está ciente de que as posições ocupadas nos campos, os gostos e os *habitus* são produtos históricos, e inclusive demonstra isso a partir da formação do campo literário francês, mas deixa em aberto a experiência histórica que causa a transformação dos *habitus*, isto é, deixa em aberto a própria análise dos fenômenos enquanto fenômenos históricos para além do contexto da lógica da economia simbólica. É preciso, portanto, levar em conta o problema histórico que leva a essa mudança no contexto maior de uma análise histórica. Essa parece ser a dificuldade que Pierre Bourdieu encontra ao considerar o campo literário um campo à parte, isto é, um campo diferente da maioria. As noções de gosto e sensibilidade, afinal, nasceram com a burguesia, como mostra Williams em *Marxism and Literature*. Isso parece ser o suficiente para que indagemos se, ao lidarmos com uma sociedade estratificada como é a sociedade contemporânea, podemos julgar o campo literário a partir do juízo do gosto. Operar pela lógica de um discurso que historicamente parte dos dominantes, é em parte, reproduzir a lógica dominante.

A literatura aparece num primeiro momento como condição de uso, muito mais do que de produção e é neste sentido que C.S. Lewis, em *Um Experimento na Crítica Literária*, dirige seu pensamento. Segundo Lewis o trabalho do crítico, se não realizado de forma apropriada, torna-se um juízo e “torpeza moral”, não faltando, no campo dos literariamente letrados, “um percentual nada desprezível de ignorantes, mal-educados, imaturos, pervertidos e truculentos” (2009: 12). O aficionado da cultura, como lembra o autor, pode ter muito mais valor do que o caçador de status. O processo de legitimação de um autor não se dá sem a recepção crítica de sua obra, o que significa que, em grande parte, a legitimação de uma obra advém não pelo mérito pessoal do autor, mas pelo

mérito daqueles que o leram como avaliadores, que muitas vezes o fazem buscando a própria legitimação.

Graças àquilo que Lewis chama de puritanismo da crítica, o escritor resolve ignorar o termo “sério” para debater literatura. Se o crítico resolve avaliar a literatura, é preciso, ao mesmo tempo, diz Lewis, avaliar a leitura que se faz. Ou seja, retornar àquele valor de literatura como uso e não só como produção. Algo comum no campo da estética universitária de hoje em dia é visto também por Lewis quando da redação de seu texto:

[...] estamos gerando uma raça de jovens que são tão solenes quanto os irracionais [...]; tão solenes quanto um rapaz escocês de dezenove anos, filho de um pastor presbiteriano, numa *sherry party* inglesa, que soma todos os elogios como confusões e todas as brincadeiras como insultos. Homens solenes, mas não leitores sérios; eles não deixaram sua mente aberta de forma justa e honesta, sem preconceitos, para os trabalhos que leram. (Lewis, 2009: 16)

Assim, a exigência de realismo ou moral na literatura é não só histórica a partir dos pontos de vista políticos, mas também como forma de leitura. No caso de Tolkien, as posições críticas giraram em suma, em torno daquilo que era feito com sua obra pelo “povo”, uma vez que seus livros caíram no gosto popular. O que pautou a crítica – ou a falta de crítica – em torno de Tolkien foi a ideia de que a literatura *significa*, muito mais do que a ideia de que a literatura *é*. Na década de 10 do Século XX, gostar de Lamb, como lembra Lewis (94), seria considerado um ponto contra qualquer um, assim como gostar de Tennyson na década de 1930. Na década de 1960, entretanto, momento em que Lewis escrevia seu ensaio⁷, ambos os autores eram aceitos.

Como lembra Pierre Bourdieu (2009), no campo literário que tenha conquistado um alto grau de autonomia, o sucesso “popular” acarreta uma forma de desvalorização e desqualificação do produtor, pois o “popular” é, por vezes, uma resistência à voz legitimante do crítico e este mesmo popular, negativo e “vulgar”, “define-se, antes de tudo, como o conjunto de bens e serviços culturais que representam obstáculos à imposição de legitimidade pela qual os profissionais visam produzir o mercado (assim como conquistá-lo)” (182). Por outro lado, a maior parte dos discursos pronunciados a favor do “povo” vieram da parte de produtores que ocupam uma posição dominada no campo de produção, como o caso de Tolkien bem mostra. “Pode-se objetar que é

⁷ Um Experimento na Crítica Literária é de 1961.

possível sair desse jogo de espelhos pela pesquisa direta. E pedir ao ‘povo’ que de algum modo seja o árbitro nas lutas dos intelectuais a seu respeito. Mas tudo o que dizem as pessoas comumente designadas como ‘o povo’ é realmente ‘popular’?” (Bourdieu, 2009: 185). A tendência que os críticos de Tolkien tiveram de tentar legitimar Tolkien a partir do que seus maus críticos o acusaram só legitimou a dominação e não legitimação da obra do autor dentro do campo literário. Por outro lado, a tentativa de se apropriar daquilo em que ela parece “vulgar” – ou seja, a literatura de fantasia de Tolkien frente à literatura séria do *establishment* de sua época – a partir das críticas de Auden, principalmente, e Lewis, fez com que a obra de Tolkien não afirmasse seu status “popular” e “vulgar”, mas, ao contrário, elevasse sua posição mostrando como a obra é repleta de elementos exigidos para a legitimação. Talvez a dificuldade em se entender isso resida no fato de que a resistência, como diz Pierre Bourdieu (2009: 187), situa-se em terrenos muito diferentes

do terreno da cultura em sentido estrito – onde ela nunca é obra dos mais despossuídos, o que testemunham todas as formas de ‘contracultura’, que [...] supõem sempre um determinado capital cultural. E ela adquire as formas mais inesperadas, a ponto de permanecer quase invisível para um olho cultivado.

De modo que a obra de Tolkien, à exceção de Lewis e Auden, talvez não tenha sido criticada a partir das questões mais importantes. Lembremos que a sociedade é um espaço relacional e que seus campos constituintes são estruturados por agentes que ocupam nesta sociedade determinados lugares sujeitos às ações humanas, formando um conjunto de forças objetivas que lutam por imposição e fixação. Por vezes contrárias estas forças exercem pressão sobre os integrantes do espaço social que se torna, por sua vez, um espaço de luta. “Os agentes e grupos de agentes são assim definidos por suas *posições relativas* neste espaço” (Bourdieu, 1984:3). Está claro, então, que a posição a ser ocupada por um autor não depende somente da obra, da editora ou do público, mas deste conjunto de forças, por vezes contrárias, que atuam de modo a criar este espaço e posição. Os críticos, nesta relação, são fundamentais, uma vez que representam um agente que é, ao mesmo tempo, parte do público, do mercado e da academia, senão do próprio meio literário.

O que se observa hoje, enfim, é um discurso reconhecido a partir de um movimento iniciado com as extensivas e persistentes investidas dos partidários de

Tolkien, do aparecimento de *O Senhor dos Anéis* até o dia atual, momento em que sua obra passa por um segundo *boom* com a adaptação hollywoodiana de *O Hobbit*. Graças às críticas partidárias e às corretas críticas quanto a isso, os acadêmicos foram capazes de encontrar um ramo pertinente à legitimação da obra tolkieniana no âmbito do conhecimento. Os trabalhos seminais de Tom Shippey, *The Road to Middle-Earth* e J.R.R. Tolkien: *Author of the Century*; Verlyn Flieger, *Splintered Light: Logos and Language in Tolkien's World*; Jane Chance, *Tolkien's Art: A Mythology for England*; e Carl Hostetter em seus estudos linguísticos (isso sem listarmos os trabalhos de Michael D.C. Drout, Marjorie Burns e outros), na década de 80, delimitaram o caminho para o começo de uma tradição em termos de crítica nos campos da literatura, linguística, filologia e filosofia. A criação da *Tolkien Studies*, periódico da University of West Virginia, em 2004 é o coroamento desta iniciativa, reunindo há 10 anos, pesquisadores de diferentes nacionalidades que debatem, em edições anuais, diversos aspectos da obra de Tolkien (não só literária), além de problemas de linguagem, filologia e filosofia a partir da obra do autor. É ainda necessário discutir qual a posição atual de Tolkien no campo, mas cremos ter podido abrir espaço para uma visão mais detalhada da gênese e transformação desta posição. A título de curiosidade, terminaremos pela observação de que Tolkien foi agraciado finalmente, em 2000, com um volume dedicado a si no prestigioso *Bloom's Modern Critical Views*, organizado pelo eminente crítico literário Harold Bloom que deixa claro, na introdução ao volume, ter relido *O Senhor dos Anéis* “with care and considerable aesthetic reservations” (Bloom, 2008: 1), afinal, é possível que *O Senhor dos Anéis* esteja “is fated to become only an intricate period piece, while *The Hobbit* may well survive as children's literature.” (*idem*:2). Não seria possível, então, confirmar que de fato o campo literário, como qualquer outro campo, é histórico e dinâmico? Bem vale uma análise da posição do autor no campo literário na atualidade.

Bibliografia

AUDEN, W.H. “The Hero is a Hobbit”.
http://tolkiengateway.net/wiki/The_Hero_Is_a_Hobbit (consultado em 24/10/2014)
_____. “At the End of the Quest, Victory”.
http://www.nytimes.com/1956/01/22/books/tolkien-king.html?_r=0 (consultado em 24/10/2014)

- BLOOM, Harold (2008) "Introduction". In. BLOOM, Harold (Org.). *Bloom's Modern Critical Views: J.R.R. Tolkien*. New York: Chelsea House.
- BOURDIEU, Pierre (2009). "Os Usos do Povo". In. BOURDIEU, Pierre. *Coisas Ditas*. Tradução de Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Editora Brasiliense.
- _____ (1984). Gostos de Classe e Estilos de Vida. In. ORTIZ, Renato (Org.). Pierre Bourdieu. Coleção grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Editora Ática.
- CARPENTER, Humphrey (2002). *J.R.R. Tolkien. A Biography*. London: Harper Collins Publishers.
- _____ (s/d). *The Letters of J.R.R. Tolkien*. London: Harper Collins Publishers.
- DROUT, Michael D.C; WYNNE, Hilary (2000). "Tom Shippey's J.R.R. Tolkien: Author of the Century and a Look Back at Tolkien Criticism since 1982". In. *Envoi*. Vol. 9 no. 2.
- FLOOD, Alison. "J.R.R Tolkien's Nobel prize chances dashed by 'Poor Prose'". <http://www.guardian.co.uk/books/2012/jan/05/jrr-tolkien-nobel-prize?INTCMP=SRCH> (consultado em 24/10/2014)
- ISAACS, Neil D (1976). "On the Possibilities of Writing Tolkien Criticism". In. ISAACS, Neil D; ZIMBRANO, Rose A. (Orgs.). *Tolkien and the Critics. Essays on J.R.R.Tolkien's The Lord of the Rings*. Notre Dame: University of Notre Dame Press.
- HALL, Michael (2005). *The Influence of J.R.R. Tolkien on Popular Culture*. Southern Illinois University. Carbondale.
- LEWIS, Clive Staples (2009). *Um Experimento na Crítica Literária*. Tradução de João Luís Ceccantini. São Paulo: Editora UNESP.
- SELLING, Kim (2008). "Imagining Alternatives: Fantasy, the New Age and the 'Cultic Milieu'". In. *Sidney Studies in Religion*. Sidney: Sidney University Press.
- WILLIAMS, Raymond (1978). *Marxism and Literature*. Oxford: Oxford University Press.